

## AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES E CRUZADA E SEU IMPACTO SOBRE O AGIR DOCENTE

Marcela Marques Carreiro

Marcelo Felipe Garcia

**RESUMO:** O Estágio Supervisionado Obrigatório é um momento crucial da formação de professores, uma vez que é nele que o futuro profissional pode colocar em prática aquilo que foi aprendido durante o curso, em uma situação real de sala de aula, e começar a formar sua identidade profissional (PIMENTA; LIMA, 2004). No entanto, o contexto pandêmico atual, que impactou o cenário da educação brasileira desde março de 2020, impôs a necessidade do ensino remoto e causou inúmeras incertezas e dificuldades para os alunos de licenciatura prestes a realizar o seu estágio supervisionado obrigatório. Dessa forma, com base nos pressupostos teóricos da Clínica da Atividade (CLOT, 2005), buscaremos apresentar algumas reflexões sobre o seu impacto na formação de professores, especificamente, num contexto pandêmico e de isolamento social, e de que forma a atividade de “autoconfrontação simples e cruzada”, durante o estágio, proporcionou ao futuro professor a oportunidade de refletir sobre o seu agir e sobre sua identidade como profissional da educação (NASCIMENTO, 2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio supervisionado obrigatório; Clínica da Atividade; Agir docente

### 1. Introdução

Partindo do pressuposto de que o Estágio Supervisionado Obrigatório é o eixo central da formação de professores (PIMENTA; LIMA, 2004), já que é, por meio dele, que o futuro professor começa a construir sua identidade profissional e sua experiência de trabalho, é de suma importância que o estagiário reflita sobre seu fazer pedagógico e de seu agir docente durante esse processo.

No entanto, em momentos de mudanças bruscas de rotinas, como a pandemia que vivemos, o trabalhador pode se sentir desamparado frente aos novos desafios que aparecem e, em particular na área da educação, o professor teve a árdua tarefa de adaptar seu método de lecionar para uma nova realidade que não mais prevê o contato visual e a proximidade física com os alunos. Além disso, o cenário social de incerteza, e o clima geral de preocupação não podem ser facilmente ignorados.

O Estágio Supervisionado Obrigatório, no curso de licenciatura em Letras - Português, ocorrido de forma remota no ano letivo de 2020 (entre os meses de março de 2020 até junho de

2021) como minicurso voltado ao primeiro ano de Letras, reflete o contexto pandêmico em seu caráter inusitado. Isso causou incertezas e inseguranças, mas também proporcionou experiências de aprendizado, como, por exemplo, a aplicação da metodologia da autoconfrontação proposta pela Clínica da Atividade (CLOT, 2005) e aplicada pela professora supervisora de estágio, com o apoio das tecnologias usadas para as aulas remotas.

Dessa forma, buscamos aqui, através de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, revisitar a experiência de estágio supervisionado obrigatório dos alunos do quarto ano de Letras - Português, avaliando de que formas os pressupostos da Clínica e as experiências de autoconfrontação simples e cruzada impactou esse processo de prática e aprendizagem.

## **2. Situando a pesquisa: a Clínica da Atividade**

A Clínica da Atividade, desenvolvida por Yves Clot (apud PINHEIRO et.al., 2016), faz parte da psicologia do trabalho e é um método de análise e compreensão que surgiu da preocupação em conciliar o trabalho com o individual e subjetivo do trabalhador. Segundo essa teoria, existe um vão entre o que um trabalhador projeta como tarefa e aquilo que realmente se faz concretamente para o cumprimento desta.

[...] não há uma identidade entre aquilo que as organizações determinam ao profissional e o que de fato acontece quando ele assume seu posto de trabalho e desenvolve suas funções. A existência desse fosso parece ser um consenso entre várias perspectivas, todavia a interpretação que é dada a ele tem variações singulares. (PINHEIRO et al., 2016, p.112)

Em outras palavras, existe uma diferença entre um trabalho prescrito (TP), um trabalho planejado (TPLAN) e um trabalho real (TR). Esses conceitos são desenvolvidos de formas profícuas para nosso estudos: o trabalho prescrito é aquele que se espera que o trabalhador cumpra, implicitamente ou explicitamente ditados pelos seus superiores e pelo conhecimento comum do que esse cargo exerce (no contexto educacional, pode ser dado o exemplo dos documentos normativos como a BNCC); o trabalho real é aquele que o trabalhador realmente tem que fazer enquanto ocupante de seu posto, mas também tudo aquilo que ele planejou fazer, mas não fez, aquilo que achou que deveria fazer, mas optou por não, e a escolha dentre as várias possibilidades para a execução dessa mesma atividade.

O interessante dessa teoria é que ela não leva em conta apenas o material, mas todo o processo que se leva para chegar nele. Dessa forma, o foco é completamente voltado para o trabalhador, que tem suas ponderações consideradas e tem o espaço para desenvolver um estilo.

Essa teoria recebe suporte dos pressupostos do círculo de Bakhtin, com sua reflexão sobre os gêneros do discurso. A isso, então, soma-se a ideia proposta pelo filósofo da linguagem de que gêneros são socialmente construídos e presentemente conduzidos a partir de sua repetida ocorrência:

De forma análoga, entre prescrito e real, tarefa e atividade, interpõem-se gêneros profissionais: culturas de trabalho tácitas, construídas por um coletivo, que orientam a atividade do sujeito. Além das prescrições da organização, há vários acordos implícitos que os sujeitos fazem e que são transmitidos entre os membros do grupo. Tais combinações dão suporte à atividade dos trabalhadores, determinando os modos característicos de agir daquele grupo. (PINHEIRO et al., 2016, p.116)

Esses “modos característicos de agir” são os chamados “gêneros profissionais”. Isso pode ser percebido no cotidiano do professor: espera-se que uma matéria seja passada, portanto define-se uma tarefa prescrita; essa tarefa prescrita, bem como sua execução, tem uma história que conta muito tempo de existência, ao qual o profissional certamente recorrerá para preparar sua aula. O docente, porém, é um indivíduo, com um contexto único, portanto, apesar do gênero consolidado, uma nova dinâmica pode surgir, a partir de perguntas e comentários da parte dos alunos e outras diversas variantes que podem ocorrer (e, de fato, ocorrem). O resultado final da aula é a atividade real, com todas as considerações feitas, desde o plano de aula, passando pelo material usado, até a didática escolhida.

Tais questões são relevantes em nossa área e em nosso tempo, pois é possível encontrar profissionais da educação que sentem dificuldade para se adaptar. Em uma pesquisa feita por Maia:

Em seu trabalho, esses professores sobrepõem a prática desenvolvida no cotidiano ao conhecimento teórico adquirido na formação, norteados seu fazer a partir da própria experiência e trajetória profissional, vivenciada nas interações com colegas e alunos e consideram que uma pedagogia identificada como “tradicional” oposta a uma “moderna” lhes fornece segurança para ensinar. (MAIA, 2014, p.6)

Dessa forma, levando em consideração as dificuldades impostas pelo contexto e a importância do estágio supervisionado obrigatório, a professora supervisora de estágio aplicou a metodologia de autoconfrontação simples e cruzada, desenvolvidos pela Clínica da Atividade, entre os alunos de quarto ano de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

### **3. Autoconfrontação simples e cruzada e sua aplicação no estágio obrigatório supervisionado**

Os métodos de autoconfrontação prevêm a gravação de uma atividade de trabalho realizada por um profissional para que seja assistida posteriormente. Na modalidade de autoconfrontação simples, apenas o filmado assiste seu vídeo e deve, auxiliado pelo pesquisador, tecer descrições do que vê e de suas ações enquanto trabalhador. Já na modalidade autoconfrontação cruzada, dois (ou mais) trabalhadores gravados assistem o desempenho um do outro e passam pelo mesmo processo.

Segundo Clot (apud BRASILEIRO, 2011, p.211), a “autoconfrontação é uma metodologia cujo princípio é fazer da atividade vivida o objeto de outra experiência [...], por meio da linguagem, provocando o sujeito a pensar sobre sua atividade e ressignificá-la” .

A grande vantagem desse método é que considera o pensamento do trabalhador sobre ele mesmo, convidando-o a comentar sobre suas estratégias e decisões, que nem sempre são óbvias para um espectador ou mesmo colega de trabalho, já que cada trabalhador tem seu próprio contexto e vivência. O método causa também um estranhamento de si mesmo: “A autoconfrontação gera uma tomada de consciência da alteridade, pois o sentimento desencadeado pela experiência da mediação da imagem provoca o estranhamento de algo que é familiar” (BRASILEIRO, 2011, p.212).

A aplicação desse método foi facilitada pelo contexto, tendo em vista que, por estarem sendo ministradas à distância, as aulas tornaram-se muito mais fáceis de serem gravadas e assistidas através das ferramentas do Google Meet. Sendo assim, durante a terceira aula ministrada no minicurso de Morfossintaxe, os alunos estagiários foram orientados a assistir às suas próprias aulas e às de seus colegas, fazendo considerações sobre elas.

Alguns tópicos de reflexão sugeridos pela orientadora para a autoconfrontação simples foram, por exemplo, “como você considerou seu desempenho, levando em conta o que foi

planejado e o que aconteceu durante a oficina”; “você mudaria alguma coisa da aula”; “a que conclusões você chegou ao se assistir”, entre outros.

Já para a autoconfrontação cruzada, foram sugeridos tópicos como avaliação da organização da aula, os *slides*, os exercícios propostos e domínio do conteúdo, além de sugestões de ajuste para a aula.

Uma segunda autoconfrontação simples ocorreu após a quarta e última aula do minicurso, na qual se esperava que houvesse movimentos de ajustamento a partir das reflexões feitas na primeira autoconfrontação.

Ao final do minicurso e para os fins desta pesquisa, foi elaborado um questionário de cunho qualitativo (anexo 1) para avaliar em que medidas os alunos sentiram que o método corroborou para seu crescimento profissional e um melhor aproveitamento do estágio.

Quando questionados sobre como se sentiram durante o processo de autoconfrontação, muitos relataram um desconforto inicial, causado talvez pelo já discutido distanciamento de si próprio. É, a partir desse mesmo distanciamento, que o profissional ressignifica o eu a partir do outro (BRASILEIRO, 2011, p.211). Uma das candidatas dessa pesquisa relata:

Eu me senti incomodada no início, contudo, no decorrer dessa ação, pude notar os benefícios da autoconfrontação, já que observei minhas ações de um modo telespectador, notando meus pontos positivos e negativos. Isso me possibilitou uma melhora em minha forma de lecionar, pois consigo ajustar aquilo que não foi bom.

No momento de incertezas e mudanças na qual estamos inseridos é normal que haja insegurança sobre como proceder como docente. No entanto, adaptação é uma parte essencial do ofício do professor e se por um lado é mais confortável continuar com aulas que se reconhecem como tradicionais, a partir do enfrentamento dos desafios podem-se atingir resultados notáveis. Essa adaptação, entretanto, nem sempre é fácil de atingir, muito menos um processo confortável.

Dessa forma, é interessante notar no relato da entrevistada que, mesmo notando uma dificuldade inicial para se aclimatar ao método proposto, conseguiu a partir dele perceber tanto qualidades positivas como negativas em seu desempenho. Além disso, relata planos de ajustes a serem feitos, possivelmente em aulas futuras, o que sinaliza um amadurecimento profissional e maior habilidade em adaptar-se conforme o contexto demanda.

Quando questionada sobre a percepção de si mesma, outra entrevistada respondeu da seguinte forma: “Achei fundamental fazer esse exercício, pois não só vemos o conteúdo da nossa aula, o modo como explicar, *slides*, mas também a dicção, a postura, enfim, você vê absolutamente tudo que na hora muita das vezes não percebe.” Essa visão de fora, privilegiada por uma autoanálise da pessoa que viveu o que se assiste é bastante cara para a Clínica da Atividade.

A partir dessa autopercepção o profissional pode desenvolver sua identidade profissional (que tipo de professor eu sou agora, que tipo de professor eu quero ser no futuro) a partir de reflexões sobre sua postura de trabalho. Neste relato, a entrevistada aponta diversos aspectos daquilo que observou em si (modo de explicar, postura, dicção, conteúdo dos slides, etc), o que é interessante notar, já que mostra uma preocupação em elencar o que é próprio de si. Essas características em conjunto dificilmente podem ser imitadas e atentar-se a esses aspectos de sua regência significa atentar-se a uma marca individual, que não pode ser replicada. Sobre isso, Brasileiro (2001) afirma:

Tomando o fator de autoconhecimento que perpassa essa questão [do aprimoramento pessoal], fica evidente a necessidade de o professor ter acesso a instrumentos que lhe forneçam informações sobre o seu fazer, que lhe proporcionem condições de verificar como ele atua, que aspectos ou competências já desenvolveu e quais ainda carecem de aperfeiçoamento. (BRASILEIRO, 2001, p.210)

Outra pergunta feita aos entrevistados foi se sentiram que, através do uso do método de autoconfrontação, puderam fazer ajustes em sua performance. Uma das respostas foi: “Sim. Pude perceber alguns vícios de linguagem, expressões usadas, que se não fossem gravadas, passariam despercebidas, o que me traz uma mudança de comportamento durante o ato de lecionar.” Sendo assim, além de ajudar a definir seu estilo próprio de docência, a autoconfrontação proporciona aos estagiários uma ferramenta de autoavaliação e aperfeiçoamento.

Em um contexto de muitas novidades e constante revisão no método de atuação do docente, é ainda mais necessário definir o que funciona e o que não funciona para o profissional da educação durante a execução do trabalho. Levando em conta o ambiente de formação docente, saber fazer esses ajustes é uma habilidade valiosa para o futuro profissional de cada estagiário.

#### 4. Conclusão

Na questão final, na qual pedia-se que os entrevistados expusessem aquilo que sentiam que haviam mudado, uma das estagiárias respondeu:

Penso que a minha didática e a forma de passar o conteúdo aos alunos não mudou, porém, após esse processo de autoconfrontação, posso observar mudanças em relação ao nível de dificuldade de minhas aulas, o aprofundamento nos assuntos ou não, as atividades escolhidas, exemplos utilizados entre outros fatores.

Acreditamos que esse comentário demonstra bem as reflexões geradas pela autoconfrontação: embora o estilo da aula (didática, forma de passar conteúdo) não tenha sido alterado, seu conteúdo em si sofreu alterações. Dessa forma, além de mudanças em aspectos exteriores, como dicção, postura, gestos, etc, o pensamento crítico (e a autocrítica) é exercitado durante a autoconfrontação, o que é evidenciado ao analisar o conteúdo da resposta: nível de dificuldade, aprofundamento dos assuntos e escolha das atividades são citados como aspectos que sofreram mudança depois da autorreflexão, demonstrando uma busca por aperfeiçoamento crítico, além de material. A autoconfrontação, dessa forma, mostra-se um método eficaz para promover desenvolvimento na prática docente do estagiário e professor em formação, além de se adequar perfeitamente às condições atuais e às ferramentas utilizadas pela aula remota.

#### Referências:

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. A autoconfrontação simples aplicada à formulação de docentes em situação de trabalho In: **SCRIPTA**. v.15, n.28. Belo Horizonte: Pucminas, 2011. p.205-224.

FAITA, Daniel; VIEIRA, Marcos. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada in: **Polifonia**. v. 7 n. 07. Cuiabá: EdUFMT, 2003. p. 27-65.

MAIA, Helenice. Contribuições da clínica da atividade para o estudo de representações sociais de professores sobre seu trabalho. **ENDIPE**. Itaperi: EdUECE, 2015.

MESSIAS, Carla; PEREZ, Deivis. O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação in: **Nuances**: estudos sobre Educação. Presidente Prudente: UNESP, 2013. p. 81-100.

MURTA, Agnes Maria Gomes. **Da atividade Prescrita ao Real da Atividade**: análise da atividade docente em uma escola regular, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica e da Clínica da Atividade. São Paulo: PUC, 2008.

NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R. **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, Pontes Editores, 2014.

PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão, et al. Clínica da atividade: conceitos e fundamentos teóricos in **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. p. 110-124.

### ANEXO 1 - Questionário

1. Descreva como se sentiu durante o processo de autoconfrontação simples.
2. Descreva como se sentiu durante o processo de autoconfrontação cruzada.
3. O processo te ajudou na percepção de si mesmo(a) em aula?
4. Você sente que ajustou seu método de lecionar, a partir dos apontamentos em autoconfrontação?
5. Descreva o que você mudou (ou não) depois do processo de autoconfrontação.